

O IMAGINÁRIO COMO FERRAMENTA DO CONHECIMENTO

Pensar na revista “Diálogo com Economia Criativa” como edificação me parece uma figura de linguagem correta para representar um conjunto organizado de conhecimentos presentes. Essa construção, formada pelos pesquisadores que submeteram seus artigos, os avaliadores que analisaram essa produção e os editores que complementaram a gestão desse trabalho, fomenta um ambiente construído para o saber científico.

Nesse segundo número, os temas indicam estruturas edificadoras que parecem finitas, porém lembro que os diálogos estabelecidos com os leitores estabelecem pontes possíveis tanto como expansivas que amplificam o espaço da Economia Criativa como área de conhecimento. Ademais, os temas contemplados em cada número tendem em ampliar tanto a área de conhecimento como os interessados nos temas apresentados aqui. Para tanto, cabe homenagear o sujeito principal – decerto o protagonista – reconhecido na figura do leitor como detentor de intenções e um agente propulsor dessas conexões e transformações possíveis.

Como indivíduo real, o leitor deve ser reconhecido como portador de determinações que o tornam capaz de propor objetivos e praticar ações únicas, tanto como singulares. Assim, o “sujeito-leitor” na relação de conhecimento com o correlato objeto, tido como a revista em questão, é aquele que dignifica e estabelece sentido para esse produto editorial de cunho científico.

Ainda sobre o leitor, como ser humano, criativo em primeira instância, é importante compreender que a noção de imaginário manifesta claramente esse encontro entre duas concepções da imagística mental, que está relacionada com a faculdade ou poder de imaginação, de invenção e de fantasia. Aqui com relação a essa capacidade inventiva humana me recordo de Moraes – designer, historiadora, pesquisadora e professora que me formou como cientista – especialmente quando ela retornava até a pré-história, explicitando que o homem escolheu uma pedra com um formato que melhor se adaptasse à forma e movimentos de sua mão para usá-la como arma. Para ela as ferramentas proporcionavam poder e facilitavam as tarefas como caçar, cortar e esmagar. Por isso, a preocupação em adaptar o ambiente e construir objetos artificiais para atender às suas conveniências sempre esteve presente nos seres humanos desde os tempos remotos, provendo traços iniciais para o que no futuro seria conhecido como Design e, em outra leitura, conhecimento de projeto aplicado.

Parece justo relacionar tais ações projetuais com possíveis aspectos ferramentais dessa revista, pois mesmo que de cunho ingênuo, tais ações têm relação com uma dimensão tão única e estritamente genuína da espécie humana: a imaginação. Nela, conforme Rodrigues, designer e professor da EBA-UFRJ, existe a noção de imaginário que manifesta claramente esse encontro entre duas concepções da

imagística mental. Assim, se manifesta de modo relacional a faculdade ou poder de imaginação, de invenção e de fantasia. Ele segue argumentando sobre o ato inventivo, em especial no sentido corrente da palavra, onde o imaginário é o domínio da imaginação, compreendida como faculdade criativa, produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis. Nelas estão as primeiras manifestações de um mundo de sonhos que por ações deterministas, talvez necessárias para a sobrevivência, chega-se às primeiras interações homem-ambiente que elevam a espécie humana ao patamar de protagonista. Ainda, com base nessa perspectiva, pode-se intuir sobre as primeiras intervenções humanas, em que se percebe a visão de futuro tão própria da faculdade de imaginar - aqui me refiro as ferramentas desenvolvidas pelo método e conhecimento científico.

Já para Barreto, professor e pesquisado do IBICT, com base na análise do século XX em seus últimos cinquenta anos, a humanidade viu serem inseridas no seu convívio mais inovações do que em todo o resto de sua história. Entre 1945 e 1948, uma bolha tecnológica produziu a fusão nuclear, que fez lançar a primeira bomba atômica; o Eniac e depois o Univac-1, os primeiros computadores de aplicações gerais. Alexander Fleming descobriu, com a ajuda de outros cientistas, a penicilina em um segundo andar do Hospital St. Mary's em Londres; um avião voou mais rápido que o som; foi inventando o transistor e foi fundada a Unesco. Para esse pesquisador, por meio da ciência como força propulsora para o desenvolvimento, retoma-se a condição da informação em harmonizar o mundo. Nela existe o elemento organizador, pois a informação referencia o homem ao seu destino desde antes de seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante sua existência, pela capacidade que tem de relacionar suas memórias do passado com uma perspectiva de futuro, estabelecendo diretrizes para realizar a sua aventura individual no espaço e no tempo.

Em suma, ainda trabalhando nessa edificação e buscando construir outras pontes, compartilho uma visão: como andarilho da estrada do conhecimento imagino pontes e vislumbro paisagens. Elas são representações pictóricas, decerto desenhos, assim como me recordo dos primeiros traços que fiz quando criança, em um papel, para representar sonhos e visões de mundo. Assim lembro de meu pai, Christiano Ariel Teixeira – professor, fotógrafo e escultor – dizendo que “o desenho é uma atividade intelectual e não mecânica. Nós não fazemos isso somente com as mãos, mas principalmente com a mente”.

A partir da combinação do ser humano, da cultura e da faculdade de imaginação, e tendo o princípio científico como artífice da inventividade, é possível relacionar esses preceitos com novas formas de geração de riquezas. Desse modo, é razoável reconhecer, em um micro segmento, o leitor ora como consumidor e, por conseguinte, como produtor intrínseco de um composto formado pelo conhecimento, inovação, e capital intelectual. Neles se reconhecem, em parte, os componentes

essenciais para geração de recursos intangíveis presentes na Economia Criativa.

Por fim, enxergo outras construções em curso, talvez pontes possíveis. Assim, almejo que elas representem estruturas para novos encontros, vistas para outras pesquisas e sejam uma gênese de conhecimentos inéditos e, sobretudo, estabeleçam perspectivas de futuros possíveis.

Desejo uma boa leitura à todos. Obrigado leitores.

Prof. Dr. Eduardo Ariel de Souza Teixeira

Coordenador do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa